RESENHA DE TESE

**EDUCAÇÃO SEXUAL FAMILIAR E RELIGIOSIDADE NAS CONCEPÇÕES
SOBRE MASTURBAÇÃO DE JOVENS EVANGÉLICOS***Patricia Critiane Pereira¹*

PEREIRA, Patrícia Cristine. **Educação Sexual familiar e religiosidade nas concepções sobre masturbação de jovens evangélicos**. 151 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2014.

A dissertação de mestrado “Educação sexual familiar e religiosidade nas concepções sobre masturbação de jovens evangélicos” defendida por Patrícia Cristine Pereira pela Universidade Estadual Paulista – Unesp-Campus Araraquara, teve por objetivo investigar as concepções sobre masturbação de jovens religiosos e a educação sexual recebida pela família, religião e escola sobre o tema, na percepção desses jovens.

A autora se baseia em Foucault para nortear sua análise sobre a sexualidade enquanto dispositivo histórico de poder e a masturbação como um dos quatro focos de discursos profiláticos. Ou seja, durante a idade moderna diversos discursos sobre os horrores da masturbação foram produzidos com intuito de evitar que as crianças/jovens a realizassem. Ao mesmo tempo, outros discursos voltavam-se à “mulher histérica”, ao “adulto perverso” e às “taxas demográficas”, moldando assim os membros da família nuclear em uma “expressão sexual sadia”.

Para explicitar os discursos sobre a “criança masturbadora” a pesquisadora voltou-se as origens do termo, sua antiga classificação patológica buscando esclarecer como o combate à prática foi utilizado para delimitar a sexualidade sadia como genital, monogâmica, adulta e heterossexual.

O trabalho pauta-se nas formulações de Duarte (2005) em relação à religião, descrevendo-a como estruturada em três pontos: religião, religiosidade e *ethos* religioso. Sendo o foco do trabalho a religiosidade e o *ethos* religioso, entendidas nesta perspectiva como a adesão do indivíduo à crença, e a organização desses preceitos em sua vida cotidiana. Ou seja, o trabalho buscou entender as negociações, rupturas e acomodações feitas pelos participantes ao lidar

com os conflitos entre sexualidade e preceitos religiosos.

No intuito de averiguar como ocorriam tais vivências, fez-se uma pesquisa qualitativa descritiva, na qual entrevistou-se oito (8) jovens universitários de uma universidade da Grande São Paulo pertencentes ao grupo religioso Aliança Bíblica Universitária – ABU. A coleta de dados se baseou na confecção de um diário de campo e um roteiro de entrevista, contendo questões abertas distribuídas em blocos temáticos: família; princípios religiosos; sexualidade, práticas sexuais, opinião da família e religião; escola e situações projetivas.

Os resultados apresentados pela autora sugerem que os jovens conceberam masturbação como uma forma de obter prazer sem um parceiro do sexo oposto, alívio de tensão e autoconhecimento. Ainda de acordo com o estudo, especialmente a família não abordou o tema de forma direta, ensinando-o de forma indireta por meio da educação do que seria a expressão sexual correta. A autora apresenta uma discussão sobre o quanto o “não falar” sobre determinado assunto, ao contrário do que se pensa, é educativo, uma vez que o silêncio indica algo proibido, um tabu, algo sobre o qual não se deve falar ou praticar. De acordo com a pesquisa, o assunto só foi abordado pela escola de dois participantes. Nesses casos, a prática foi referida como normal e positiva para o desenvolvimento. O texto também mostra que o assunto era muitas vezes temas de discussão entre os pares, de modo indireto na escola, entre os meninos. Momento no qual dúvidas e mitos eram apresentados.

A autora apresenta que, para alguns participantes, a masturbação seria pecado por tratar-se de um desrespeito aos planos de Deus, que

¹email patriciacristinepereira@gmail.com

criou a sexualidade para ser desfrutada de forma conjugal, enquanto outras opiniões sugeriram que a masturbação não seria pecado, mas uma impureza que poderia levar ao pecado. De todo modo, os relatos pressupõem uma forma correta, “pura” para a expressão sexual, tanto do ponto de vista da religião quanto da família. Sendo assim, a sexualidade para ser correta aos olhos de Deus deveria ser genital, conjugal, heterossexual e adulta. Neste ponto, a pesquisadora ressalta a premissa de Foucault sobre a sexualidade enquanto dispositivo de poder para controle dos corpos.

A autora ainda apresenta um recorte de gênero, entendendo o conceito enquanto uma categoria de análise. O termo se ancora em premissas que o entendem como uma construção social na qual se condensam expectativas, modelos e rótulos sobre o que é ser homem e ser mulher (BUTLER, 1999, p. 111; LOURO, 1999, 2001, 2008; MISKOLCI, 2009; WEEKS, 1999). Apreende-se do texto que os jovens pontuaram que as mulheres religiosas são destinadas as precauções e orientações de não provocar o homem, não fazê-lo pecar. Ao mesmo tempo, aos homens existe um discurso mais condescendente às “falhas”, e o apelo ao respeito restringe-se às “irmãs”, ou seja, aquelas que se dão ao respeito, diferentemente da mulher “da rua” que o coloca em tentação.

Podemos perceber pelo texto que as divergências entre as opiniões pessoais e valores familiares e religiosos são fruto dos conflitos gerados pela assimilação de conhecimento científico, bem como pela influência de amigos e mídia, motivo pelo qual a autora defende que a escola/universidade é o espaço ideal para trabalhar temas relacionados à sexualidade, ainda que sejam necessárias ações de desconstrução e crítica com professores e funcionários. O estudo postula ainda que elucidar as concepções pessoais e os discursos que os embasam têm o intuito de pensar possibilidades de trabalho que compreendam esses conflitos, negociações e acomodações.

Ana Cláudia Bortolozzi Maia
Doutora em Educação. Departamento de
Psicologia. Universidade Estadual Paulista –
Unesp aclaudia@fc.unesp.br